

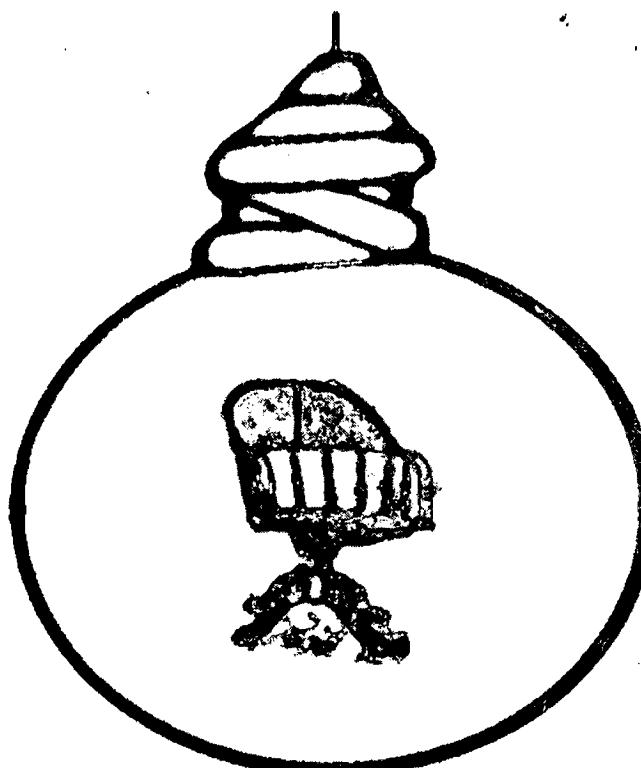
O FILÓSOFO E O POLÍTICO

Josaphat Marinho

Retornou, há pouco, à atividade docente, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o professor José Arthur Giannotti: "Depois de cerca de duas décadas de recesso", sua volta aconteceu "na véspera dos 70 anos", e "para lecionar a alunos do primeiro ano" do curso de formação. Presentes ao ato estavam "tanto velhos alunos seus, hoje professores, quanto calouros que iniciavam seu contato com a filosofia". Proferiu, simbolicamente, a "aula inaugural". Assim, a *Folha de S. Paulo* (26/2) descreve a solenidade universitária, a bem dizer de despedida.

Refere também o jornal que a exposição foi densa, "pedregosa", no estilo próprio do velho mestre, de filósofo para filósofos. Discutiu a "não-validade do conceito de 'razão técnica' diante do atual sistema produtivo e das transformações do mundo do trabalho". Matéria pouco acessível a alunos, comentou-se, segundo o noticiário. Note-se, porém, que os problemas da filosofia são, por natureza, complexos, irredutíveis quase sempre a explicação fácil. Não obstante isso, o professor revelou energia intelectual para enfrentá-los. Demais, o que a uns parece abstração, para outros, de acordo com sua capacidade crítica, representa a forma de interpretar fatos da vida.

De qualquer sorte, a solenidade descrita, por sua significação universitária, faz relembrada a despedida do professor Otávio Mangabeira da Escola Politécnica, no salão nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em 1956. Punido pelo regime de 1964, o professor Giannotti, restituído à cátedra, aposentou-se em 1984. Mangabeira, submetido a prisões, duas



vezes exilado e aposentado por incompatível com o governo Vargas, teve também seus direitos restaurados. Não retornou ao ensino, até porque seu lugar estava ocupado: "dignamente ocupado", disse, com grandeza. Professor "excedente" à disposição da universidade, aposentou-se por implemento de idade. Recebeu, então, a consagração do meio universitário, no salão repleto de velhos e moços, como ocorreu, há dias, com Giannotti.

Diferentemente do professor paulista, o baiano não levantou tese acadêmica. Afastado do magistério desde os 25 anos de idade, declarou que havia perdido a "embocadura", embora todos lhe reconhecessem as virtudes de grande expositor, que confirmava naquele instante.

Ora no exercício de funções políticas ou administrativas, ora na prisão ou nos exílios prolongados, preferiu a reminiscência e a prova de coerência democrática. Recordou a escola pobre e suas sedes modestas, os professores de seu tempo de estudante, os colegas de turma. Com saudade relembrou o grupo, a que pertenceu, dos "professores de cem mil réis", pagos quando o governo não atrasava as subvenções. Voltou-se, sobretudo, com respeito, para a imagem dos que criaram a instituição e se esforçaram por mantê-la. Salientou, especialmente, a figura de Arlindo Coelho Fragoso, acentuando "uma das capacidades mais onímodas que ainda conheci, uma das luzes mais vivas que já brilharam por estas paragens".

Agradeceu a solidariedade permanente dos professores integrantes da Congregação, que o não esqueceram nem o desprezaram ao longo das vicissitudes da política. Confessou, entre a amargura e a aceitação do destino: "Engenheiro e professor, chego a esta altura da vida sem ter sido uma coisa nem outra". Declarou, contudo, que aceitava, "ao menos para consolo", as generosas saudações daquela hora. E confessou: "Direi, então, sem vangloria, que levei dentro em mim para a vida, para onde quer que ela me tenha levado, para onde me tenha levado a sua tirania, um pouco do professor e um pouco mais de engenheiro. Professor, educando pelo exemplo da fidelidade aos sacrifícios que exige a carreira pública honradamente exercido. Engenheiro, esforçando-me por ser, na administração e na política, um espírito construtivo: na administração, construindo, revelando, quando nada, a vontade de fazê-lo, nos dois postos de governo que exercei — a pasta das Relações Exteriores e o governo da Bahia; na política, lutando sem tréguas — ainda hoje lutando — pela construção, no Brasil, de uma democracia razoável, que sirva ao povo e não desonre a nação".

Assim, com destinos e estilos diversos, o filósofo e o político bem cumpriram os deveres da cultura. O primeiro, vivo, renova sua carreira de pensador independente. O segundo, morto há quase quarenta anos, legou o exemplo da intransigência a serviço da democracia. Ambos dignos do magistério.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia e diretor da Faculdade de Direito da Ufsc.